

O medo do *Outro*

Planeamento através de diálogos terapêuticos em comunidades altamente conflituais¹

Giovanni Attili e Leonie Sandercock

Medos e planeamento

O conceito de diferença tem-se tornado progressivamente central na forma como as sociedades urbanas são compreendidas, e toda uma série de teorizações (feminista, pós colonialismo, pós estruturalismo, *queer*, e teorias psicanalíticas, por exemplo) têm contribuído para o avolumar desta nova consciência. Por outro lado, uma *nova política da diferença* tem redefinido não só os modos de pensar as cidades e os processos urbanos, como, de forma mais importante, tem redefinido as próprias cidades. Gerir estas diferenças tem-se tornado um desafio crescente no governo das cidades e tem particulares implicações nas profissões relacionadas com a construção comunitária das cidades. A escolha é clara: guetização ou hibridação; vidas separadas, ou mudança-na-conjunção. O desafio é claro: como construir novas comunidades híbridas em vez de cidades crescentemente segmentadas e fragmentadas? As respostas de planeamento a esta questão crucial não têm sido realmente satisfatórias na maior parte dos casos. Muitos académicos têm reconhecido o falhanço geral do sistema de planeamento para responder à crescente diversidade cultural das cidades, nas maneiras como os valores e normas da cultura dominante são reflectidos nos planos, códigos de planeamento, estatutos, legislação, práticas de planeamento urbano, na inabilidade dos planeadores para analisarem questões como a perspectiva multicultural ou desenhar processos participativos que incluam grupos étnicos diferentes (Ameyaw, 2000, p. 105).

Descobrir soluções de coexistência em paisagens urbanas cada vez mais diversas não é tarefa fácil. As vagas consistentes mas imprevisíveis de imigração obrigam-nos a repensar quem somos e a reenquadrar a própria ideia do mundo no qual vivemos (Attili, 2008). Nos termos de Bourdieu, estamos a falar da destruição de *habitus*, da nossa “zona de conforto”, de tudo o que é familiar e simples (Sandercock, 2000). Zygmunt

¹ Traduzido do inglês por Elsa Lechner e revisto por Olga Solovova.

Bauman e Ulrich Beck observaram que “os estrangeiros trazem para dentro o fora” e, assim, aparecem como uma ameaça à ordem conhecida na qual nos sentimos “em casa” conosco próprios (Bauman, 1990; Beck, 1998). A distinção entre o interior e o exterior colapsa. “Onde ‘nós’ estamos hoje globalmente é uma situação em que cada ‘nós’ descobre que é em parte um ‘eles’: que as linhas entre ‘nós’ e ‘eles’ são constantemente redefinidas através das realidades globais da imigração, viagem, comunicação, economia mundial, e desastres ecológicos” (Benhabib, 1995: 244).

Nesta realidade altamente complexa, o desenraizamento e destabilização acontecem. Medo, aversão, repugnância, ansiedade, acabam por alimentar o lado mais negro da diferença (Sandercock, 2000). Estamos a falar de medo do *Outro* no sentido mais lato, que inclui um vasto leque de grupos (indígenas, migrantes e refugiados, mulheres, gays e lésbicas, pobres e sem-abrigo, deficientes...) e intersecções entre diferentes dimensões (etnicidade, género, orientação sexual, cultura, classe, idade, ...). Este medo leva frequentemente a conflitos, feridas, angústias e sofrimentos.

Queremos argumentar que estes medos se estão a tornar constitutivos de conflitos de planeamento em “cidades da diferença” (Sandercock, 1997, 2000), e o planeamento, os planeadores, têm ainda de encontrar formas efectivas e adaptadas de responder a tais medos. Se o planeamento pode ser interpretado como a tentativa de gestão da nossa coexistência em espaços partilhados (Healey, 1997: 3), então a capacidade de lidar com as diferenças e seus lados mais obscuros permanece um desafio crucial. Neste aspecto, várias abordagens racionais, burocráticas, e regulatórias, têm sido usadas para tentar gerir essa crescente diversidade. Essas abordagens têm sido construídas pelos sonhos modernistas de controlo e de ordem mas têm caído inexoravelmente por terra (Sandercock, 2000).

Duas solidões

Um novo caminho pode ser construído: um caminho assente numa abordagem de planeamento comunicado e colaborativo cujo objectivo seja encorajar o diálogo entre subjectividades em conflito. Chamamos-lhe “abordagem terapêutica” (Sandercock, 2003; Sandercock and Attili, 2014): uma forma de nos envolvermos com as emoções na prática de planeamento, reconhecer a importância de trabalhar com e para as esperanças das pessoas, seus medos, memórias, feridas emocionais/psicológicas (traumas). Neste sentido, muitos estudiosos nos últimos anos têm chamado a atenção para a necessidade

de criar um espaço de diálogo especificamente para os assuntos silenciados, para o que não se diz, espaço esse onde as emoções possam ser ouvidas e nomeadas, onde os medos e desgostos, ou aversões possam ser ditos, bem como onde a esperança e a transformação possam ganhar expressão (Marris, 1974; Baum, 1997; Forester, 1999, 2009; Sandercock, 2003; Erfan, 2013). Esta urgência envolve a criação de um espaço seguro, de confiança, onde as partes em conflito se possam encontrar e falar sem receio de serem dispensadas, atacadas, ou humilhadas – um novo espaço de reconhecimento no qual as diferenças e injustiças históricas possam ser reconhecidas, como um prelúdio necessário ao enfrentamento dos conflitos presentes.

Tentámos pôr em acção estes pressupostos num trabalho dedicado a um conflito de arquétipos sobre posse e direitos da terra na arena altamente polémica das relações entre indígenas e não indígenas no Canada. O cenário é paradigmático: estamos no norte da Columbia Britânica onde duas “First Nations”, os Ts’il Kas Koh Nation, e os Cheslatta Carrier Nation enfrentam tensões contínuas com o mundo não-Nativo. Pessoas despossuídas, feridas históricas profundas, e conflitos ainda não resolvidos são os ingredientes de uma história onde dois mundos separados, duas solidões, existem lado a lado. Nativos e colonos, cada um com as suas experiências muitíssimo diferentes.

O nosso processo de investigação partiu daqui, tentando encontrar uma forma de facilitar potenciais transformações sociais nestas comunidades divididas. Estamos conscientes de que este objectivo só poderia ter sido atingido através de uma pesquisa sobre a verdade inconveniente do apartheid canadiano. Falamos de uma exploração do próprio processo de colonização e suas consequências duradouras e devastadoras nas comunidades indígenas. Tentámos compreender a situação histórica e actual dos grupos indígenas, destituídos das suas terras pelos europeus, forçados a viver em reservas sob as políticas da terra do século XIX conhecidas como Sistema de Reservas das Terras Indígenas (Harris, 1997; 2002); desempoderados ou enfraquecidos por gerações de abusos físicos, emocionais e sexuais nas mãos do Sistema de Educação Residencial (Jaine, 1993, RCAP 1998, Molloy 1999). Estas comunidades indígenas parecem estar a enfrentar hoje um homérico trabalho de cura (Ross 2014), bem como um desenvolvimento económico e social. Este é um caso de desenvolvimento desigual resultante de práticas discriminatórias que apenas nas passadas décadas foram apresentadas nos tribunais e tomadas em conta ou consideradas pela legislação canadiana. Mas muitas destas comunidades foram tão enfraquecidas por quase dois

séculos de colonização que ainda hoje é difícil para algumas defender os seus novos direitos, e é igualmente difícil para a cultura dominante aceitar esta afirmação, e muito menos os seus efeitos materiais.

Então como avançar? Como criar um espaço onde as diferenças possam encontrar formas de se expressar de maneira a antever um possível futuro partilhado? Como dar corpo a uma intervenção de planeamento terapêutico nestas comunidades feridas? Como abrir um novo espaço de diálogo sobre o passado, o presente, e o futuro: um diálogo que possa levar à acção, a diferentes maneiras de fazer as coisas, a imaginações alternativas que possam redefinir a frágil coexistência de dois povos, Nativos e não-Nativos canadianos, no sentido da reconciliação e parceria?

Filmagem etnográfica e colaborativa

Situamos o nosso trabalho no que tem sido apelidado de corrente comunicativa do planeamento (Healey 1997; Sandercock 2003; Forester 2009; Innes and Booher 2010), reconhecendo os limites da racionalidade tecnológica e explorando novos instrumentos para aceder a outras formas de conhecer, aprender, pesquisar, e actuar. Mais especificamente, inspiramo-nos de uma literatura emergente que explora intervenções multimédia nas políticas públicas urbanas, no trabalho comunitário e planeamento urbano (Sandercock e Attili 2010^a, 2010b) tendo assim aqui desenhando um projecto de investigação-acção no qual o filme se tornou o instrumento de planeamento central.

O filme que produzimos é o resultado de três anos de trabalho etnográfico vocacionado para construir uma narrativa polifónica na intersecção de múltiplas vozes, Nativas e não-Nativas. A nossa intenção foi descrever uma paisagem vocal conflituosa caracterizada por tensões e visões multifocais que são frequentemente antagónicas e irreduzíveis.

Estas vozes foram captadas através de uma serie de entrevistas aprofundadas que requisitaram um longo e intenso processo de interacção no terreno. Neste processo tivemos de ultrapassar a nossa ignorância e intimidação, tivemos de lidar com *exterioridade*, estranhamento, aprender as artes da zona de contacto e relação, e viver num espaço onde diferentes mundos se cruzam, chocam, se confrontam (Pratt 1991). Tivemos de atravessar uma vasta distância cultural e encontrar um caminho em conjunto como co-investigadores, parceiros, experimentando uma desafiadora

abordagem colaborativa de investigação.

Nesta perspectiva, tentámos arar o terreno num diálogo aberto para poder semear a concórdia: muitos contactos foram mantidos e alimentados ao longo do processo podendo assim progressivamente começar a conhecer-nos uns aos outros, a construir uma confiança mútua recíproca, partilhando e discutindo colaborativamente os objectivos da pesquisa e criando o espaço para que uma interacção mais profunda pudesse ocorrer. Vivemos este processo com humildade, como uma jornada de aprendizagem.

Nesta abordagem, investigadores e comunidades não podem ser considerados como entidades monolíticas separadas e hierarquizadas. Eles estão conectados numa relação mútua, colaborativa, pedagógica. Neste sentido, “os participantes têm uma palavra igual a dizer como a investigação deve ser conduzida, o que deve ser estudado, que métodos devem ser usados, que resultados são válidos e aceitáveis, como estes resultados devem ser implementados e como as consequências de tais acções devem ser avaliadas” (Denzin 2003: 257). Ambos têm uma palavra igualmente importante a dizer perante questões eticamente delicadas. É o que chamamos de “ética situacional” (Sandercock, Attili 2010): uma abordagem que transgride um pré-aprovado e universalmente estabelecido conjunto de procedimentos. Por isso, a investigação não pode ser guiada por um racionalismo ético monocultural. Antes precisa ser construída de forma colaborativa através de um processo mútuo: os diferentes sujeitos que são parte deste processo têm a co-responsabilidade de definir as estratégias adequadas para lidar com estas questões eticamente delicadas. Esta abordagem é particularmente relevante em contextos multiculturais caracterizados por uma pluralidade de posicionamentos éticos, de valores e visões.

Potencialidades digitais

Temos pensado e utilizado as linguagens filmicas para comunicar eficazmente a delicada história aqui em questão e para entrar em relação com as pessoas no terreno procurando um diálogo aprofundado sobre as suas comunidades conflituosas. Tal como já experimentámos num projecto anterior (*Where Strangers Become Neighbours*: Attili, Sandercock 2007; Sandercock, Attili, 2009), as linguagens digitais fortalecem as possibilidades expressivas das etnografias, ligando um estudo qualitativo às potencialidades de linguagens comunicativas mais ricas. As etnografias digitais narram

as histórias de forma particularmente expressiva, cujo papel é hoje largamente reconhecido no campo do planeamento (Forester 1989; Mandelbaum 1991; Eckstein & Throgmorton 2003; Sandercock 2003; Attili 2008). Em termos simples, as linguagens digitais são capazes de comunicar narrativas através de envolvimentos estéticos cruciais em interações sociais. Sob este ponto de vista, as etnografias digitais podem ser interpretadas como *instrumentos relacionais e comunicativos* que “ajudam a construir laços sociais através da aprendizagem e troca de conhecimentos; instrumentos de comunicação capazes de ouvir, de se articular e dar expressão à diversidade” (Levy 1997: 133). Estes instrumentos convidam as pessoas a sugerir modificações, narrativas futuras através de uma gestão de conhecimento dinâmica a ser explorada “não apenas conversacionalmente mas ainda em modalidades sensíveis seguindo caminhos e associações significantes” (Levy 1997: 210). Compreender essa Razão não produz a totalidade das nossas acções. Para criar um real espaço comunicativo, e induzir as pessoas a agir não chega “dizer”. É preciso transferir energias, fazer vibrar sentimentos e emoções, despertar aspirações latentes, conhecimento, e energias, redescobrir o papel poderoso de linguagens artísticas e poéticas. É necessário olhar para a performance cognitiva e comunicativa do prazer estético, um prazer que não é acessório mas antes um momento central de todo o processo de comunicação (Gargani 1999; Decandia 2000).

Este prazer estético está relacionado com a capacidade que os novos *media* têm de, contextualmente, usar diferentes linguagens expressivas. São pontuações complexas de idiomas multi sensoriais que podem ser criativamente unidos para exprimir e comunicar conteúdos específicos. Potencialmente, os novos *media* têm tantas epistemologias e linguagens, quantas as que se podem encontrar no mundo (Levy 1997). Representam um espaço extremamente versátil e dinâmico, no qual é possível construir “imagens” complexas: sinais e metáforas de comunicação que se interpenetram e co-envolvem. A *bricolage* criativa proporcionada pelos novos *media* veiculando mensagens diversificadas produzem algo mais do que uma simples soma destes elementos: trata-se de uma poética digital geradora de novos significados. Trata-se de um catalisador para novos diálogos acontecerem.

Espaço para diálogo

O trabalho colaborativo de filmagem (entrevistas, várias reuniões onde recebemos

feedback da comunidade sobre os objectivos da pesquisa e a construção da história a contar) foi ocasião para esse diálogo começar. Mas este diálogo foi inflamado pela interacção social que ocorreu (num processo/espaço cuidadosamente planeado) em torno de várias projecções que fizemos onde os membros da comunidade se comprometeram a pensar juntos como avançar. Durante três meses planeámos este espaço/processo, que envolveu a escolha de um comité de aconselhamento, a formação local de facilitadores de “rodas de conversa”, e uma projecção filmica especial para os professores da escola. Daí resultou uma das maiores e mais poderosas aprendizagens do processo.

O diálogo advindo das projecções foi realmente útil. O editorial do jornal *The Lakes District News*, na semana seguinte, resumiu algumas impressões: “A reação da juventude que viu o documentário foi inspiradora... Alguns sentiram-se envergonhados, outros tristes, mas o consenso entre todos encontrou-se no facto de todos sentiram que o que se passou com as *First Nation* na nossa comunidade foi errado e estão determinados a fazer o que puderem agora para que passe a estar certo” (Blackwell 2010).

Respostas muito encorajadoras surgiram de um questionário que foi distribuído depois da projecção do filme e da roda de conversa. Houve respostas muito positivas a uma pergunta sobre consciência geral das relações históricas e presentes entre Nativos e não-Nativos, antes e depois das rodas, tendo muitos inquiridos notado um significativo aumento de consciência. Outras respostas positivas sublinharam como o filme ajudou a imaginar formas de avançar. Muitas pessoas expressaram o desejo de se voluntariar a trabalhar em projectos comunitários tal como o “Gathering Place”, ponto de encontro, que foi re-imaginado durante as conversas como um espaço intercultural para toda a comunidade, em vez de ser pensado apenas para os *First Nations*.

Nathan Edelson, planeador de desenvolvimento económico comunitário e de uso da terra sediado em Vancouver, ajudou-nos a conceber os diálogos. Nathan tem trabalhado nos últimos três anos como mediador entre a Band e a Village, fazendo os projectos de arquitectura para o "Gathering Place", bem como procurando fundos de apoio. Bernice Magee reformou-se da presidência da Camara Municipal em 2011 tendo sido substituída por Luke Strimbold, uma da não-nativas jovens que se havia voluntariado para ser facilitadora dos diálogos comunitários. Enquanto a antiga presidente continua a servir como apoiante do comité que tem levado a cabo o projecto Gathering Place, a

nova presidente reflecte o espírito de entusiasmo e parceria intelectual que surgiu dos diálogos com a juventude. O progresso é necessariamente lento e raramente linear, mas a materialização do Gathering Place, quando acontecer, representará um avanço simbólico, social e económico significativo para esta comunidade.

Curando através das diferenças

A intervenção de planeamento que nós desenhámos visou encorajar a cura de traumas históricos e conflitos profundos nesta comunidade através dos diálogos suscitados pelo filme. Simultaneamente, alimentou um processo de imaginação de futuro interessado nas formas de levar a cabo uma mudança, para que o estado das coisas mude. O passo final pode evoluir para a projectos mais típicos de acção de planeamento, desde o uso da terra, a desenvolvimento económico, ou planeamento de instalações, planeamento em saúde, para responder a questões de governança local. Trata-se de um trabalho ainda em construção, em progresso, que se dirige no sentido de uma relação de respeito mútuo e de resolução conjunta de problemas. Para lá das sombrias diferenças, fazendo face aos medos, a cura pode ser feita através da diferença.

As diferenças entre os dois grupos jogaram um papel crucial nesta narrativa/contexto específicos. As diferenças existem. São reais. No entanto, elas também são construções discursivas e sociais que estabelecem a relação entre o Eu e o Outro. Elas são frequentemente reificadas e utilizadas como instrumento de dominação e opressão que confina os Nativos à reclusão absoluta. O Outro do mundo racional e moderno. Nesta perspectiva, a construção da diferença é um elemento chave do processo colonial (o Outro absoluto, primitivo, selvagem a ser colonizado). Ao mesmo tempo, as diferenças são usadas pelos povos indígenas como instrumentos de libertação que lhes permitem reclamar terras e direitos, de acordo com o seu estatuto de habitantes nativos (Porter 2010). Por causa deste uso político da diferença, não há espaço para hibridismo e mudança. Todos permanecem como contentores imutáveis, reificados, essencialistas. Todos permanecem desconhecidos e assustadores para o Outro.

A tarefa deste projecto foi ultrapassar essa reificação das diferenças. Pretendeu analisar essas diferenças a partir do interior; pretendeu evitar a colocação de rótulos , impor as categorias identitárias e abusar das taxonomias . Quis compreender as diferenças através

do escrutínio atento daquilo a que Husserl chama de "mundo da vida" (Lebenswelt): a fenomenologia viva que precede todas as categorizações estabelecidas. Procurámos com atenção as vidas das pessoas, suas memórias, a sua relação de fazer sentido do mundo. Apenas através deste trabalho de arqueologia etnográfica foi possível criar uma oportunidade das pessoas conhecerem uns aos outros, falarem sobre os seus passado, presente e futuro

If therapeutic planning can be defined “as the process of bringing people together not only to share their experiences and work in solidarity, but also to work through their differences” (Sandercock 2003: 159–66), then this action-research experiment can be interpreted as the attempt to nourish a cross-cultural dialogue aimed at sustaining healing and reconciliation. In this kind of transformative planning practice, significant outcomes can be seen only through a long-term perspective.

Se o planeamento terapêutico pode ser definido como “o processo de aproximar pessoas não apenas para partilharem as suas experiências e trabalharem juntos de forma solidária, mas também para perceberem as suas diferenças” (Sandercock 2003: 159-66), então esta experiência de investigação-acção pode ser interpretada como a tentativa de alimentar um diálogo transcultural focado em sustentar a cura e a reconciliação. Neste tipo de prática de planeamento transformativo, resultados significativos podem ser vistos apenas numa perspectiva longitudinal, a longo prazo. Trata-se de um trabalho em construção. No entanto, “com pequeno passo de cada vez” (entrevista com Rayanne Charlie), esta pequena cidade antes caracterizada por uma disparidade de poder, por violações de confiança e disputas sempre-eternas não resolvidas” (RCAP 1996), avança no sentido de desenvolvimento de uma relação de mútuo respeito e de resolução colaborativa de problemas.

Se o planeamento é, por definição, não apenas um trabalho de relacionamento entre conhecimento e ação (Friedmann 1987), mas também um trabalho de ligação entre o passado e o futuro - uma relação frequentemente marcada por tensões, conflitos, e até traumas-, então a nossa experiência de investigação neste terreno pode ser interpretada como a construção de um fórum para falar de trauma e cura.

Tal como Erfan diz: “Planeamento é naturalmente onde o passado entra em conversação com o futuro. Se, enquanto planeadores, nós apreciamos, apoiamos, e damos lugar a este tipo de conversações, então estamos no caminho de nos tornarmos terapeutas do

comunitário” (Erfan 2013, 254). Mas Erfan também chama a atenção para a cautela a ter perante práticas de planeamento terapêutico pois estas requerem não apenas competências e instrumentos específicos mas também o desenvolvimento de uma “forma de ser,” “atitudes, qualidades, maneiras e estados de espírito, ou recursos pessoais, emocionais, espirituais, físicos, e imaginativos que tornam este trabalho possível” (Erfan 2013, 264). Trata-se simultaneamente de uma direção necessária e intimidante para a pesquisa e prática de planeamento. Foi esta mesma direção que nós decidimos tomar na nossa intervenção no terreno.

Referências bibliográficas:

Ameyaw, S. (2000) Appreciative planning: an approach to planning with diverse ethnic and cultural groups, in: M. Burayidi (Ed.) *Urban Planning in a Multicultural Society*. Westport, CT: Praeger.

Attili G. (2008), *Rappresentare la città dei migranti*. Milan: Jaca Book.

Attili G., Sandercock L. (2007), *Where strangers become neighbours. The story of the Collingwood Neighbourhood House and the integration of immigrants in Vancouver* (dvd). Montreal: National Film Board of Canada.

Baum H. (1997) *The Organization of Hope*. Albany: State University of New York Press.

Benhabib S. (1995) “Cultural complexity, oral interdependence, and the global dialogical community“, M. Nussbaum and J. Glover. eds. *Women, Culture and Development*. Oxford: Clarendon Press.

Blackwell, L. (2010) ‘Inspiring’ (editorial, Lakes District News, 10th June, 2010).

Decandia L. (2000) *Dell’identità. Saggio sui luoghi: per una critica della razionalità urbanistica*. Catanzaro: Rubettino Editore.

Denzin N.K. (2003) *Performance ethnography: critical pedagogy and the politics of culture*. Thousand Oaks, CA: Sage.

Eckstein, B. & Throgmorton, J. (2003) *Story and Sustainability*. Cambridge, MA: MIT Press.

Erfan A. (2013) “An Experiment in Therapeutic Planning: Learning with the Gwa’sala-’Nakwaxda’xw First Nations.” Unpublished PhD dissertation, University of British Columbia, School of Community & Regional Planning

Forester, J. (1999) *The Deliberative Practitioner*. Cambridge, MA: MIT Press.

Forester, J. (2009) *Dealing with Differences*. Oxford: Oxford University Press.

Gargani A.G. (1999), *Il filtro creativo*. Bari: Editori Laterza

Harris, C. (1997) *The Resettlement of British Columbia*. Vancouver: ubc Press.

Harris, C. (2002) *Making Native Space*. Vancouver: ubc Press.

Healey, P. (1997) *Collaborative Planning* (London, Macmillan).

Innes, J., and D. Booher (2010) *Planning with Complexity*. New York: Routledge.

Jaine, L. (1993) *Residential Schools. The Stolen Years*. Saskatoon: University of Saskatchewan Extension Press.

Levy P. (1997) *L’intelligenza collettiva. Per un’antropologia del cyberspazio*. Milan: Feltrinelli.

Mandelbaum, S. (1991) Telling stories, *Journal of Planning Education & Research*, 10(1), pp. 209–214.

Marris, P. (1974) *Loss and Change*. London: Routledge and Kegan Paul.

Molloy, John S. (1999) *A National Crime. The Canadian Government and the Residential School System, 1879 to 1986*. Winnipeg: University of Manitoba Press

Porter, L. (2010) *Unlearning the Colonial Cultures of Planning*. Aldershot: Ashgate.

Pratt M. L. (1991) *Arts of the contact zone, Profession 91*. New York: MLA, 1991. 33-40

RCAP (Royal Commission on Aboriginal Peoples) 1998. vols 1-5.

Rupert Ross (2014) Indigenous Healing (Toronto: Penguin)

Sandercock L. (2000) *When Strangers Become Neighbours: Managing Cities of*

difference, *Planning Theory & Practice*, Vol. 1, No. 1, 13- 30, 2000

Sandercock L., Attili G. (2014) “Changing the Lens: Film as Action Research and Therapeutic Planning Practice, *Journal of Planning Education and Research*, March 2014 vol. 34 no. 1 19-29

Sandercock L., Attili G., (2009) *Where Strangers become neighbours: the integration of immigrants in Vancouver, Canada*. Dordrecht: Springer

Sandercock L., Attili G., (2010), *Multimedia Explorations in Urban Policy and Planning. Beyond the Flatlands*. Dordrecht: Springer

Sandercock, L. (1997) *Towards Cosmopolis. Planning for Multicultural Cities* (Chichester, John Wiley and Sons).

Sandercock, L. (2003) *Cosmopolis 2: Mongrel Cities of the 21st Century*. London: Continuum.

Sandercock, L. (2003) Out of the closet: The importance of stories and storytelling in planning practice, *Planning Theory and Practice*, 4(1), pp. 11–28.